

Wiltshire (Inglaterra), que publicam desde 1968 um anuário de fatos inexplicados. No sentido inverso, há alguns casos de desaparecimentos totalmente inexplicados. Aí apenas durante os séculos XIX e XX, contam-se dezenas de milhares de casos.

Não apenas homens, mulheres e crianças, mas também navios, submarinos e aviões desaparecem.

A fronteira entre a nossa Terra e outros países parece ser invisível, porém mais fácil de ser ultrapassada do que se crê. Tanto no sentido de lá para cá como no de cá para lá. Esta ultrapassagem é tão fácil que pode ser involuntária. Isto não exclui, de modo algum, a possibilidade de viagens voluntárias. Existem, provavelmente, viajantes autorizados indo... digamos à cidade do Rei do Mundo e voltando. Também deve haver guardiães do Santuário fazendo a "cobertura" do centro. Contudo, ao lado de tudo isto, deve haver alguns infelizes que são repentinamente arrancados do seu meio e aparecem no nosso. São estes que escutam chorar, que vemos errar desamparados, e que às vezes são recolhidos. E inversamente, deve haver pessoas do nosso meio que desaparecem de repente e que, algumas vezes, nunca mais voltam. Quando voltam, não se compreende o caminho que seguiram nem o que fizeram nesse meio-tempo. No dia 24 de outubro de 1593, uma sentinela espanhola que estava de serviço nas Filipinas desapareceu. Vinte e quatro horas após, é encontrada no México! Não existe nenhum meio que permita ao homem do século XVI cobrir a distância de Manilla ao México em vinte e quatro horas. E este tipo de coisas é comum. Vejamos alguns exemplos, tomados de empréstimo a John Keel, que, geralmente, é muito bem documentado:

No dia 22 de agosto de 1967, um rapaz americano de dezenove anos, chamado Bruce Burkan, desa-

pareceu em Asbury Park, em Nova Jersey. Saiu da praia de calção de banho para colocar algumas moedas num parquímetro. É encontrado em Newark, no dia 24 de outubro de 1967, sentado numa parada de ônibus. Não se recorda de nada. Está usando roupas que não lhe ficam bem e tem setecentos dólares no bolso. Não consegue entender, de modo algum, o que lhe aconteceu. Sua amiga E., com quem estava na praia e que ficou louca de ansiedade ao encontrar seu carro trancado à chave, tinha avisado à sua família. Esta começou a procurá-lo. Ele é um rapaz ruivo muito fácil de ser reconhecido. Ninguém o reconheceu em todos os lugares onde foi procurado. Onde estava? Não os sabemos. E exemplos como estes podem ser multiplicados por cem.

Um habitante de Londres se vê, de repente, na África do Sul. Uma mocinha de Cleveland, Estados Unidos, se vê, repentinamente, na Austrália. Um leiteiro sueco desempregado se vê, de repente, num campo de golfe de uma ilha do Mediterrâneo, reservada às pessoas muito ricas.

Em agosto de 1966, um guarda de Filadelfia chamado Chester Archey, desaparece. Vê-se ao volante de seu carro numa pequenina cidade denominada Pensauken, Nova Jersey. Não se lembra de nada e, alucinado, causa um acidente de automóvel.

Recentemente também foram assinalados casos deste tipo em Baía Blanca, Argentina, bem como no Japão, em Córdoba e em Montreal.

Chamamos a atenção dos amantes da literatura fantástica para o fato de que tanto a cidade de Filadelfia como a de Newark foram descritas pelos romancistas fantásticos como sendo lugares onde as portas se abrem para o desconhecido. No caso de Filadelfia temos H. P. Lovecraft; no de Newark, Murray Leins-